ANO 32.º — Sábado, 3 de Fevereiro de 1940 — N.º 1614

O DEMOCRATA

(AVENÇADO)

Semanário Rèpublicano de Aveiro

Redacção e Administração
RUA MIGUEL BOMBARDA, 21
COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO: **IMPRENSA UNIVERSAL**
Rua Combatentes da G. Guerra — Telef. 125 — AVEIRO

Director e Proprietário
Arnaldo Ribeiro

Editor e Administrador
Manuel Alves Ribeiro
Tôda a correspondência deve ser dirigida ao Director
Representação exclusiva de publicidade para Lisboa e Pôrto — Agência Havas

A coeducação dos sexos

Saíu, há dias, do Ministério da Educação Nacional uma portaria cujos fins são os seguintes:

Abolir a freqüência mista de rapazes e raparigas nas escolas particulares; sujeitar à autorização da Inspecção do Ensino Particular a escolha dos professores de educação moral e cívica, de história de Portugal, e de organização política e administrativa da Nação; e uniformizar em todos êsses colégios os serviços de educação física e saúde escolar, fazendo intervir nêstes serviços a colaboração dos Comissariados Nacionais da Mocidade Portuguesa e da Obra das Mães pela Educação Nacional.

O rev.º dr. Manuel da Costa, ilustre Inspector de Ensino Particular, deu, na Emissora Nacional, uma entrevista a pedido da mesma, para elucidar a Nação da nobre doutrina que informa a citada portaria.

À pregunta de quais eram os objectivos e o alcance social e educativo dêsse diploma, respondeu aquele Inspector isto:

«Fundamentalmente, alcançar alguns dos supremos intentos morais da Revolução Nacional e educar em regime de diferenciação de sexos, olhando aos interêsses marcadamente distintos dum e doutro, sem confundir na prática educativa o que também na vida se não confunde, ou melhor: o que, por muito se ter igualado, provocou um desequilíbrio de actividades sociais tal, que o homem e a mulher vieram à concorrência de situação no campo moral e no campo material, sem que daí tenha resultado benefício apreciável para êles ou para a colectividade, na ordem maior dos interêsses da Nação.»

A coeducação dos sexos, regime que se não pode entender só por se misturarem rapazes e raparigas no ensino, mas também por em disciplinas comuns se não atender à diferença dos sexos, e concomitantemente às suas diferenças psicológicas, e à função que a cada um cabe por natureza, é realmente contra esta, por confundir arbitràriamente o que é distinto, e que em sua distinção postula também educação distinta, se, em vez de sujeitarmos as realidades às nossas idéias, subordinamos as nossas idéias às realidades, consoante o verdadeiro realismo prático duma vida humana, equilibrada e fecunda.

Os resultados práticos de tal regime são, sôbre a concorrência do homem e da mulher no campo moral e material da vida, sem vantagens para ambos e para a sociedade, a perversão da vida sexual, e como que a desintegração do carácter num sexo e noutro, com a masculinização da mulher e a efeminação do homem. São aos cardumes os exemplos dêstes desintegrados, numa sociedade em que se minaram as raízes da verdadeira virilidade do homem e do verdadeiro pudor da mulher.

Razão tem, pois, o Govêrno em romper imediatamente com tal regime, não só de harmonia com os princípios constitucionais do Estado Novo e com a necessidade do fortalecimento da Família, senão ainda com os ditames da natureza, à qual, para a vencermos, convém, segundo o prolóquio latino, obedecer-lhe com o respeito que se deve a tôda a obra do Criador.

Outra parte importante da mesma portaria é o não confiar a qualquer professor, sem autorização da Inspecção do Ensino Particular, o ensino da história de Portugal, de educação moral e cívica, e de organização política e administrativa da Nação — disciplinas cujo carácter formativo exige mestre idóneo, idóneo no saber e idóneo nas idéias, ou integrado na doutrina do Estado Novo, não vá mentir aos alunos ou falsear-lhes a verdade, quer da nossa história, quer do engrandecimento presente e da ética da Revolução Nacional, quer dos deveres morais para com o próximo, e dos deveres cívicos para com a colectividade — a Pátria.

Salta aos olhos a necessidade desta determinação do Govêrno, como providência de autêntica profilaxia social, e de enraização dos princípios da nossa doutrina, sem a qual não havia obra duradoira na revolução em que anda empenhado o Estado Novo, para o presente e, sobretudo, para o futuro de Portugal.

Segue-se, finalmente, a colaboração dos Comissariados Nacionais da Mocidade Portuguesa e da Obra das Mães pela Educação Nacional, nos serviços de educação física e saúde escolar, com o fim de os uniformizar.

Sôbre não haver, em muitos casos, serviços perfeitos de tal espécie, o que convém à educação física e à saúde escolar, é, além de bôa técnica e bôa higiene, uma orientação de base moral, no sentido de respeitar as diferenças dos sexos e de fazer prevalecer o espírito no composto humano, que não é só matéria, nem matéria de mero bruto. Ora, esta orientação está naturalmente confiada àquelas duas organizações, que não se fundaram para outra coisa; nem se lhes pode negar o direito de intervirem onde as chama o seu dever, se a sério cuidamos do revigoramento físico e moral do nosso povo.

A. de F.

Feira de Março

—o—

Vão aparecer os cartazes anunciadores do nosso mercado anual do Rossio, que nos dizem corresponderem inteiramente ao fim em vista.

O trabalho é do nosso conterrâneo, sr. Julio Sobreiro.

Cumprimentos

—x—

O *Recreio Artistico* e as direcções cessante e actual do *Club dos Galitos* enviaram-nos cumprimentos, que muito agradecemos, desejando às prestantes colectividades da nossa terra vida desafogada e próspera.

Procissão da Cinza

—o—

Se o tempo permitir efectua-se na próxima quarta-feira, saindo da igreja de Santo António, pelas 14 horas, onde recolherá ao cair da noite depois de ter percorrido o itinerário do costume.

E' o primeiro cortejo religioso do ano, levado a efeito pela Ordem Terceira de S. Francisco e que costuma chamar à cidade muitíssima gente de fora.

Tudo depende, porém, do tempo.

Vamos a vêr.

Ílhavo por dentro...

O' sr. presidente da Câmara: dê água ao melro que lhe seca o bico...

Êste número foi visado pela Censura

Efemérides

3 de Fevereiro

1852—A República do Uruguai torna-se independente.

1893—O dr. Rodrigues de Freitas renuncia a cadeira de deputado, mas a Câmara não aceita o pedido.

1909—O director da *República*, dr. Artur Leitão, é condenado num dos tribunais de Lisboa por suposto abuso de liberdade de imprensa.

O TEMPO

—o—

Entrámos em Fevereiro, não se tendo, porém, modificado os rigores com que o inverno está decorrendo.

Se ainda é cêdo...

FALTA DE ESPAÇO

Mais uma vez ficam de remissa alguns originais e composição já feita.

Pedimos desculpa.

IMPRENSA

Brados do Alentejo

Com um excelente número de 32 páginas festejou a entrada no 10.º ano, o apreciado colega de Estremós, que é dirigido pelo sr. dr. Marques Crêspo e possui um escol de colaboradores à altura da missão regionalista que desempenha.

Cordeais felicitações.

O Regional

Êste quinzenário do próspero concelho de S. João da Madeira, publicou um número de homenagem ao sr. dr. Serafim Leite, figura de invulgar expoente intelectual, que honra sobremaneira a terra onde nasceu.

Por uma local publicada na 8.ª página vê-se que fôram alguns bons sanjoanenses e amigos do jornal que auxiliaram, monetàriamente, a Redacção, indo ao encontro dos seus desejos.

Como nos causa inveja o patriotismo manifestado em tudo pelos filhos de S. João da Madeira!

31 de Janeiro

—o—

Quarenta e nove anos se passaram sôbre a revolução do Porto, preparada por Alves da Veiga, João Chagas, capitão Leitão, tenente Coelho, alferes Malheiro, actor Verdial, Santos Cardoso e ainda outros que a história regista como dedicados em extremo à causa da República.

O movimento abortou, porque o receio duns e a traição doutros conduziu a êsse desiderato. Mas a República é um facto em Portugal, vai para 30 anos, e isso só demonstra que não caiu a semente em terreno daninho.

Para honra dos seus esforçados apóstolos.

ACTO DE JUSTIÇA

De administrador apostólico a bispo de Aveiro

Um imponente cortejo acompanha o sr. D. João Evangelista de Lima Vidal à Sé, onde lhe foi conferida a posse, assistindo ao desfile muitos milhares de pessoas

A circunstância de ter sido elevado à dignidade de bispo residencial de Aveiro o sr. D. João Evangelista de Lima Vidal, nosso ilustre conterrâneo, que, com tanto zelo, vinha desempenhando o cargo de administrador apostólico da diocese desde a sua restauração, há pouco mais dum ano, deu logar a que no domingo lhe fôsse prestada outra grandiosa homenagem, que consistiu em ser acompanhado pelas autoridades e fôrças vivas da cidade desde o Paço à Sé Catedral, onde tomou posse.

Haviam de ser aproximadamente 16 horas quando compareceram a cumprimentá-lo o sr. Governador Civil do distrito, toda a vereação municipal com o seu digno presidente dr. Lourenço Peixinho, os representantes da guarnição militar e muitas outras individualidades de destaque, que depois se encorporaram no cortejo formado pelas irmandades, de cruz alçada, congregações e seminaristas a que se juntou o clero, formando extensa fila.

Sob o pálio ia o prestigioso antistite, de mitra e baculo, a quem a multidão, aglomerada nos largos e passeios das ruas, saùdava com palmas enquanto das sacadas dos prédios, ornamentadas com ricas colgaduras, lhe eram atiradas flores às mãos cheias, ininterruptamente.

Logo a seguir a vereação municipal, com a sua bandeira desfraldada — o antigo estandarte tinha outra imponência, porque era inconfundível — o chefe superior do distrito, oficiais do Exército e da Armada, reitor do Liceu, Director Escolar, uma das quatro bandas de música encorporadas, a executar o Hino da Cidade, as corporações de bombeiros de grande uniforme, associações locais, comércio, indústria, etc., etc.

O prestito, organizado na Rua Almirante Reis, tomou depois às ruas do Carmo, do Gravito, de Manuel Firmino, de José Estêvão, Mendes Leite, do Sol, Praça do Peixe, ruas Trindade Coelho e do Cais, Praça Luiz Cipriano, Rua Coimbra, Rua Direita e Rua de Santa Joana onde fica a igreja de S. Domingos, hoje elevada a catedral.

Foi aí que o grandioso prestito recolheu e após se realisou a posse do novo prelado, seguida de solene *Te-Deum*, tendo falado, em primeiro logar, o rev. Raúl Mira, vigário geral da diocese, que traçou o perfil do sr. D. João, agradecendo êste tôdas as provas de carinho e consideração acumuladas à sua volta e das quais prometeu nunca se esquecer enquanto vivo fôr.

O templo, a-pesar-de vastíssimo, tornou-se pequeno para conter tôda a gente que, dentro dêle, desejava assistir às cerimónias, ficando, por isso, muitos espectadores no adro a ouvir a música enquanto elas duraram.

O Democrata, inserindo nas suas colunas o retrato do sr. D. João quere, apenas, significar, com essa homenagem, não lhe ser indiferente vêr o insigne aveirense guindado ao apogeu da glória pelos seus méritos, pelas suas virtudes, pelo seu talento e pelas faculdades de trabalho em que assentam também o apostolado de tôda a sua existência. Por tudo isso reunido, pois, *O Democrata* não podia deixar de imprimir relêvo à manifestação de domingo e de se congratular pela forma como o povo da diocese aprecia o valor e a nobresa de sentimentos do eminente filho da nossa terra.

D. JOÃO EVANGELISTA DE LIMA VIDAL

Carta de Lisboa

Medida notável

O decreto do Govêrno, criando o Instituto Nacional de Educação Física, tem sido alvo dos maiores e mais rasgados como merecidos elogios.

De novo se verifica que o Govêrno prossegue na observância das bôoas regras de administração pública e que uma lógica e bem cuidada concentração e coordenação de serviços, permite realizar o máximo do bem comum com o mínimo de encargos.

Com o novo o recente decreto fica, de facto, resolvido em Portugal mais um grande e importante problema tal qual é o da educação física, que desde há anos se arrastava e só agora encontrou completa e acertada solução.

Expressiva atitude

Doutro modo não deve ser classificada a nomeação de Luiz Federzoni para o lugar de presidente do Instituto de Cultura Italiana em Portugal. E' que Federzoni é uma das mais ilustres e destacadas figuras do Fascismo. Antigo ministro do Interior, vice-presidente da Câmara dos Deputados e presidente do Senado, o eminente homem público exercia agora a presidência da Real Academia de Itália onde sucedeu a Marconi, o grande Marconi.

Por tudo isto fácil, é concluir que a sua nomeação represente da parte de Mussolini um grande e significativo interesse pelo estreitamento das relações culturais italo-portuguesas.

GIL DO SUL

Dr. Jaime Duarte Silva

—o—

Ainda que morosamente, vão-se acentuando, dia a dia, as melhoras do ilustre causidico, que já se tem levantado da cama, recebendo alguns amigos.

Continuamos a formular os mais ardentes votos por o vermos, dentro em breve, completamente restabelecido.

O DEMOCRATA vende-se no Kiosque da Praça Marquês de Pombal—AVEIRO

Em S. João da Madeira

O 140.º aniversário do patrono do Colégio Castilho, de que é director o sr. dr. Cerqueira de Vasconcelos, deu ensejo à realisação da noite de arte e de nacionalismo aqui anunciada e que foi precedida duma sessão solene no Cine-Teatro Avenida à qual acorreram as famílias mais distintas da florescente vila.

Presidiu o sr. dr. Querubim Guimarães, que também usou da palavra depois de haverem falado o director do Centro da M. P. e vários filiados, alunos do Colégio, tendo-se seguido hinos e canções pelo Orfeon, trechos de música ao piano, recitativos, danças, etc. tudo entusiàsticamente aplaudido pelos espectadores, a quem não passou despercebida a graça e o desenvolvimento das crianças.

A destacar a representa-

MANUEL LOPES DA SILVA GUIMARÃIS

No fim de prolongado e, às vezes, doloroso sofrimento, deixou, no domingo, o mundo, arrebatado pela Morte, êste conhecido comerciante local, que, de Aveiro, para onde viera muito novo, fez sua terra adoptiva, tendo nela constituido família.

Antes da doença começar a torturá-lo e portanto de lhe faltarem as energias, desenvolveu Manuel Guimarãis a sua actividade por diferentes cargos que desempenhou fora das suas ocupações obrigatórias, e por isso deixa o seu nome ligado

MANUEL L. S. GUIMARÃIS

ao *Club dos Galitos*, de que fôra um dos mais entusiastas fundadores, e a outras iniciativas que a gente do seu tempo não esquece por serem altamente proveitosas.

Na política acompanhou o grupo republicano da cidade em todas as manifestações de propaganda, deixando também o seu nome ligado ao Centro que se instalou num antigo palacete do alto da Rua de José Estêvão e a êste jornal, cuja criação igualmente auxiliou.

Depois do advento do novo regímen pertenceu à Junta Geral do Distrito, à Junta Autónoma da Ria e Barra e à Direcção do Teatro Aveirense, desempenhando todos os cargos com aprumo e sem atritos, como era próprio do seu temperamento calmo. E na extinta Associação Comercial não deixou de exercer influência, tratando aí da defesa dos interêsses da classe sempre com visão clara e a máxima lealdade.

Natural de Guimarãis, o nosso amigo—porque o foi, de verdade—tinha agora 65 anos, não se parecendo quási nada com o que era antes da doença. Consorciado com a sr.ª D. Maria José da Costa Guimarãis, deixa dois filhos: o sr. Tércio da Costa Guimarãis, ainda solteiro, e a sr.ª D. Dídia da Costa Guimarãis Estrela, casada com o sr. Arnaldo Estrela dos Santos, estabelecido na Avenida Dr. Lourenço Peixinho.

Da família fazem ainda parte o sr. Joaquim Ribeiro da Silva, industrial em Guimarãis, seu irmão; um cunhado, o coronel sr. Carlos Alberto Ferreira da Costa, e primo, o sr. coronel Artur Nobre de Figueiredo,comandante militar desta cidade.

O entêrro de Manuel Guimarãis efectuou-se na segunda-feira de tarde para o cemitério central, saindo o corpo da pequena capela de S. Bartolomeu, onde esteve em câmara ardente, pelas 17 horas e meia. Foi transportado à última morada num carro dos Bombeiros Guilherme Gomes Fernandes, cobrindo a urna a bandeira desta prestimosa colectividrde a par com a velha—verde e encarnada—do Centro Republicano, de saudosa memória.

Muitas foram as individualidades que o acompanharam, organizando-se, porém, apenas quatro turnos durante o trajecto, assim constituidos:

1.º

Dr. Alberto Souto, Luiz Leitão, João Gamelas e Arnaldo Ribeiro.

2.º

João Carvalho, Joaquim Carvalho, Alberto Carlos dos Reis e Arnaldo Estrela dos Santos.

3.º

Coronel Artur Nobre de Figueiredo, Domingos Ribeiro da Silva Guimarãis, Joaquim da Silva Guimarãis e coronel Carlos Alberto Ferreira da Costa.

4.º

Fundadores do *Club dos Galitos*: Francisco da Encarnação, Pompeu da Costa Pereira, Domingos Martins Vilaça e Augusto Garvalho dos Reis.

Entre os ramos e corôas depostas, duas destas se destacavam pelo tamanho e confecção: a de homenagem dum grupo de republicanos, com largas fitas das côres nacionais, e a do *Club dos Galitos* ao seu primeiro presidente.

Escusado será dizer que sentimos o desenlace, de há muito considerado fatal. E' que Manuel Lopes da Silva Guimarãis impôz-se sempre à consideração dos aveirenses por qualidades que o tornavam simpático e assim se manteve até à derradeira hora, o último instante—até à despedida desta vida cheia de ilusões e—quantas vezes?—dos mais funestos enganos.

A tôda a família enlutada os nossos sentidos pêsames.

Bailes no Teatro

—o—

Realizou-se quinta-feira, no salão nobre do teatro, o baile oferecido aos sócios do *Club Mário Duarte*, aonde compareceram as principais famílias da cidade e algumas de fora e ontem o do *Recreio Artístico*, que não desmereceu dos anos anteriores pela maneira como decorreu.

Hoje deve ter lugar o da Companhia Voluntária S. P. Guilherme G. Fernandes, que costuma ser concorridíssimo, e na segunda-feira o tradicional baile dos *Galitos*, que ainda marca pelas ornamentações e outros atractivos.

A tôdas as colectividades agradecemos os convites com que distinguiram *O Democrata*.

* * *

O primeiro baile público realizou se ante-ontem com fraca concorrência o que talvez não aconteça àmanhã e terça-feira de Entrudo.

Aguarda-se.

AGENDA

Como de costume, a Casa Souto Ratola, da Rua de Viana do Castelo, teve a gentileza de nos oferecer uma agenda de algibeira para 1940, cuja utilidade escusado se torna encarecer por estar já reconhecida.

Obrigados.

"Club Mário Duarte,,

E' hoje que se realiza nos salões dêste gremio, à Avenida Dr. Lourenço Peixinho, a *soirée* já anunciada e que, decerto, vai ficar memorável pe lrs surprezas que vão surgir.

A Direcção empenha-se, como dissémos, em imprimir a esta diversão carnavalesca o maior brilhantismo, havendo também interêsse pela eleição da *rainha* e apresentação do grupo de foliões.

Serviço farmacêutico

Encontra-se àmanhã aberta a *Farmácia Central*, R. dos Mercadores.

Trincheira dum crente

Notável jornada

Ainda tenho brilhando no olhar, na imaginação e na sensibilidade, a inolvidável jornada religiosa, moral e cívica, que Aveiro realizou no domingo, de alma comovida e silenciosa.

O dia não nos mostrou a magnificência dourada, alegre, sorridente e confortável do sol magnífico, do bemvindo e claro amigo do homem, da natureza e da vida.

Natural dia de inverno, macio e calmo, sem vento, sem chuva e sem frio. A sua leve melancolia e o seu ar sombrio ajustaram-se perfeitamente à dôce e penetrante emoção, que, como onda eléctrica e misteriosa, trespassou os corações e reluzia humedecida nos olhares e nas faces.

Grandiosa e impressionante jornada!

A cidade una, inteira, um só corpo numa só alma—homens, mulheres e crianças; personalidades representativas; delicadas figuras femininas de elegância patrícia; o pobre e o rico; o desafortunado e o venturoso; o homem rude e másculo, mas franco, de fisionomia aberta, profundamente aveirense da beira-mar—saiu à rua para saudar carinhosamente o sr. D. João de Lima Vidal, o seu grande chefe espiritual, o seu nobre pastor de almas, que faz da ria, das marinhas, dos lavados horizontes, do ar, do céu, da patine marítima, disto tudo que conhecemos, que nos rodeia, que nos encanta e que é Aveiro, um segundo, sensibilizante, fervoroso e ardente culto.

Panorama inesquecível e perturbante!

* * *

As ruas ofereciam um semblante imponentíssimo.

Vagas sucessivas de gente, em colunas cerradas, cobriam os passeios e respeitosamente se descobriam, ajoelhavam, sorriam a sua satisfação e saúdavam o seu venerando e queridíssimo prelado e patrício.

Palmas, vivas e exclamações de contentamento. Não muito, não demasiado expansivas, não vibrantes.

O povo de Aveiro é sóbrio, recatado, extremamente cortês nas suas manifestações, nos seus entusiasmos e na sua alegria.

E' o seu temperamento. E' o seu feitio. A placidez normal e serena da ria, é a placidez da sua alma tranqüila, boa, generosa e amiga.

Mas é sincero, muito sincero em tudo que faz.

Aparece sempre com muita distinção, com muita gentileza, com muita inteligência e com muita gratidão, quando é indispensável homenagear e prestar justiça a alguem que honre, que dignifique, que enobreça e que prestigie Aveiro.

Aparece sempre para provar o seu impenitente, eterno e simpatiquíssimo aveirismo.

Ninguem, como êle, orgulhosamente, mas orgulho que não fere nem magôa, ama, estima, e serve a sua linda e airosa terra.

A sua presença é tudo. Quando aparece, tacitamente, apoia, concorda e aplaude.

* * *

As janelas e as varandas com garridas e vistosas colchas de damasco, vermelhas, amarelas, azuis, repletas de senhoras e crianças, coloriam e marginavam de graça humana, espiritual e feminina, o cortejo, em que o hino da cidade e a bandeira encarnada e branca do Município, artisticamente lavrada, punham um timbre muito solene, muito pessoal e muito bairrista.

Incessantemente pétalas de camélias rozadas e brancas, lançadas por generosas mãos femininas ou por inocentes dedos de crianças, caiam sôbre o vulto do sr. D. João de Lima Vidal, que, sorridente, emocionado, sentindo-se verdadeiramente feliz, vencendo corajosamente o cansaço, os agradecia e correspondia ao carinho com que eram atiradas, traçando com a dextra, suàvemente no ar, a divina benção de Deus.

A ordem nas ruas era impecável. Em Aveiro a ordem é espontânea, faz-se por si mesmo.

O guarda só precisa de fazer um gesto e pedir.

O povo é correctíssimo, educado, tem civismo e reconhecido aprumo.

A gente de Aveiro é, em Portugal, um exemplo de ordem, de harmonia e de fidalguia moral.

Tudo, com a graça de Deus e com o digno sentimento de todos, principiou e findou maravilhosamente bem!

Aí ficam, também, estas pobres e descoloridas palavras de homenagem ao homem de Deus e ao homem do mundo, que conseguiu com o equilíbrio do céu e com o equilibrio da terra, dentro de Aveiro e com almas de Aveiro, criar a mais perfeita unidade moral e espiritual, que era possível conceber e idealizar.

Felicitemos a Igreja, o seu prestigioso Bispo e a bôa gente desta laboriosa cidade de Portugal!

J. Carreira

«Matinées»

—o—

Tanto a infantil, dedicada aos filhos dos sócios do *Club Mário Duarte*, como a que promoveu uma comissão de alunos da Escola Fernando Caldeira, no Pavilhão Municipal, decorreram num ambiente de alegria e bôa ordem, apresentando-se alguns pares dançantes com trajos de fantasia.

Naquele recinto do Largo do Rossio realiza-se outra, àmanhã, levada a efeito pelos mesmos promotores.

A Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários

festeja o seu aniversário, homenageando o coronel-médico, dr. António Nascimento Leitão

Mais um ano conta a antiga Companhia dos Bombeiros Voluntários de Aveiro que, no domingo, inaugurou a sua nova bandeira, benzida por ocasião da missa resada na Catedral e a que também assistiu o Corpo de Salvação Pública Guilherme Gomes Fernandes com a respectiva banda de música. Celebrou-a o rev. Raul Mira, que depois procedeu ao baptismo da auto-maca oferecida pelo nosso conterrâneo e amigo dr. António Leitão, cujo nome lhe foi dado, servindo de madrinha a esposa dêste, sr.ª D. Orminda Freire Leitão representada pela sr.ª D. Conceição Videira.

Pelas 19 horas teve lugar uma sessão solene na sala do primeiro andar do quartel à qual presidiu o sr. Governador Civil, secretariado pela sr.ª D. Conceição Videira e pelos srs. dr. Lourenço Peixinho, presidente da Câmara; dr. Luís Regala, representante do Corpo de Salvação Pública Guilherme Gomes Fernandes e tenente Gumerzindo da Silva, inspector dos incêndios.

Usaram da palavra os srs. dr. Alberto Souto, que, como presidente da Assembleia Geral da Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários enalteceu a benemerência do nosso ilustre conterrâneo e exteriorizou a sua satisfação por o contar no número daqueles que mais têm honrado Aveiro pelas belíssimas qualidades que possui a par dos seus dotes de carácter e de inteligência, seguindo-se-lhe na mesma ordem de ideias os srs. dr. Luís Regala e Firmino Fernandes, 1.º comandante da Companhia, que também se congratulou com o aniversário desta, em que se acha filiado há 40 anos.

Por último é lido o diploma que confere à sr.ª D. Orminda Leitão o título de sócio honorário da prestimosa Associação e descerrado o retrato de seu marido no meio duma estrepitosa salva de palmas da assistência.

Ao jantar de confraternização, realizado na segunda-feira à noite, presidiu o sr. dr. Alberto Souto que tinha à sua direita os srs. Governador Civil, dr. Luís Regala, Firmino Fernandes, vereador Carlos Aleluia e Arnaldo Ribeiro; e à esquerda os srs. dr. Lourenço Peixinho, presidente da Câmara; tenente Gumerzindo da Silva, inspector dos incêndios e Belmiro do Amaral Fartura, 2.º comandante do Corpo de Salvação Pública Guilherme Gomes Fernandes, vendo-se em frente os srs. tenente Natividade e Silva, 1.º comandante da mesma corporação; José de Pinho, presidente da Direcção; e Ricardo Costa, Manuel José da Costa Guimarãis, Albano Pereira e tenente Jaime Sabino da dos Bombeiros Voluntários, assistindo ainda muitos sócios protectores desta Companhia.

A' sobremêsa brindaram os srs. Firmino Fernandes, dr. Luís Regala, José de Pinho e tenente Gumerzindo da Silva, que, nas suas referências à benemerência do dr. António Leitão, provocaram aclamações ao seu nome e de sua esposa,portodos sentiram a falta justificada em telegramas durante a sessão da véspera.

O sr. dr. Luís Regala improvisou e leu o seguinte sonetilho que aproveitamos para fecho das ligeiras notas que aí ficam por o espaço não permitir que sejam mais desenvolvidas:

AO BOMBEIRO

E's filho do herói, do santo,
Soldado de Portugal!
Espalha ao vento o teu canto
Feito dum sonho ideal.

Enxugas o negro pranto
A tanto olhar maternal...
E o teu valoroso manto
Veste a paz universal.

Raça de santos e heróis!
Anda a voz dos rouxinóis
Na vossa alma de luz.

E a vossa heróica jornada
Recebe a benção sagrada
De olhos de Mães a chorar!

A melhor seara

Já de há muito que a acção do Estado e dos organismos corporativos se faz sentir no desenvolvimento da produção nacional e não é de certo um dos aspectos menos interessantes dessa actividade o estímulo concedido sob a forma de prémios aos produtores.

A Federação Nacional dos Produtores de Trigo, cuja obra notável se pode medir pelo simples facto de ter sido por completo anulada a importação de trigo no nosso país, instituiu o concurso da *Melhor Seara*, destinado a galardoar com prémios distritais e nacionais, nas três categorias de grande, média e pequena propriedade, os melhores produtores de trigo português.

Recentemente, reüniu-se no Ministério da Agricultura o júri encarregado de proceder à classificação dos concorrentes do ano de 1939. Foram atribuidos os prémios distritais e os prémios nacionais *General Carmona*, *Dr. Oliveira Salazar* e *Ministro da Agricultura*, no valor, respectivamente, de 30.000, 20.000 e 10.000 escudos.

Trata-se duma iniciativa louvável, cujos resultados são verdadeiramente a bem da Nação.

Cartas a uma amiga de longe

Fevereiro, 1940

Cara amiga:

Quando os ânimos andam excitados; quando as paixões cegam os espíritos, basta, muitas vezes, um pequenino nada, para que a pólvora se incendeie e vá tudo pelos ares.

O Ultimatum inglês, a perda do nosso mapa côr de rosa, foi o rastilho que incendiou os ânimos do partido republicano dos fins do século XIX e os levou à revolta do Porto, primeira tentativa para a implantação da República em Portugal.

Se as cabeças do povo português estivessem capazes de pensar, das duas uma: ou concordariam com a resolução do Govêrno de ceder à inimiga aliada secular os territórios compreendidos entre Angola e Moçambique, ou resolveriam resistir ao leão, que num salto traiçoeiro se atirou contra a formiga.

Discuta-se uma ou outra solução e depois de ambas bem estudadas, optava-se por uma delas e tudo ficaria resolvido de comum acôrdo—ou se concordava pacificamente com aquilo que a Inglaterra impunha, ou se ia para a guerra. E—quem sabe? Talvez êste povo heróico que soube sempre vencer, vencesse outra vez ainda. Mas não... Nada disto aconteceu. O Govêrno, sentindo-se sem apoio e fraco para a resistência, resolveu ceder e nessa mesma tarde Angola e Moçambique ficaram separadas para todo o sempre.

Ao povo desagradou esta resolução e os republicanos, que propagavam as suas idéas sem descanso, acharam propícia a ocasião da revolta. E o foco revolucionário do Porto não hesitou, embora o Directório republicano recomendasse prudência.

No dia 31 de Janeiro de 1891 a revolta estalou, mas não aumentou, antes, foi atacada e morreu ao nascer.

A artilharia da Serra do Pilar bastou para salvar, desta vez, a monarquia. Mas desta revolta efémera, que fêz agora quarenta e nove anos, ficou o germen que havia de levar mais tarde, em 1910, à proclamação definitiva da República em Portugal.

E da monarquia se passou ao regimen republicano sem grandes resistências e quási podia dizer-se sem perdas de sangue, se o regicídio, êsse drama hediondo, não vivesse para remorsos de todos nós, nas páginas sublimes da História da Pátria.

Um abraço apertado da

Zèmi

ção do fino original de Julio Dantas, *Rosas de todo o ano*, pelas sr.as D. Etelvina Vasconcelos Lemos e D. Maria Adelaide de Vasconcelos Baptista, que declamaram com naturalidade e relêvo, não ficando atrás, embora noutro género, a menina Carlinda Nunes da Cunha, a quem o público obrigou a bisar *Terra de Cantigas*, cobrindo-a de aplausos.

Por último efectuou se um *Porto de Honra* numa das salas do Colégio, brindando pelas suas prosperidades e pelo engrandecimento de S. João da Madeira o director dêste jornal, que fôra convidado para a festa, o sr. dr. Querubim Guimarães e, em tom de agradecimento, o considerado industrial e ilustre sanjoanense, sr. Leite Júnior.

De Aveiro, além dum castelo da M. P., compareceram também os srs. director do Asilo Escola, tenente Natividade e Silva e Carlos Aleluia.

O TEMPO

Previsão do tempo de 1 a 15 de Fevereiro de 1940

Oscilação barométrica geral—Depois de descer, sensivelmente, em 1, começa a pressão.

Em 5 oscila bruscamente, continuando a subir, e em 10 inicia nova descida, sensivel, que oscila fortemente em 14.

Datas de novos ciclones—Em 1, 5, 9, 10 e 14.

Movimentos mais sensiveis no campo de pressão—Em 1, 5, 9, 10, 12, 14 e 15.

Tempo em Portugal—E' provável que o tempo, no decorrer dêste período, continue, ainda, com tendência para chover e ventoso, principalmente em 1, 2, 3 e 5, devendo melhorar a partir de 7.

Tempo no estrangeiro—Tendência para mau tempo e maior intensidade dos ventos: em Espanha, Suécia, Dinamarca, Itália, Grécia, Turquia, Roménia, Bulgária e Mar Negro.

Oscilação provável de temperatura na península—Oscilante, com maior tendência para descer no final do período,

Datas de maior sensibilidade—Em 4, 8, 9 e 13.

A. Carvalho Serra

O Democrata vende-se no *Estanco Flaviense*, Rua dos Mercadores.

Notas Mundanas

Aniversários

Fazem anos: hoje, o sr. dr. Fernando Moreira, digno conservador do Registo Civil, e o nosso amigo José Simões Pachão, um dos mais valiosos auxiliares dêste jornal na América do Norte; no dia 5, os srs. tenente Júlio Trindade e Marcelino Gonzalez Peña, residente em Setubal; em 6, a inocente Maria Cesarina, filha do industrial sr. José dos Reis; em 7, o sr. Hermenigildo Meireles e a esposa do sr. Francisco dos Santos Silva, ausente no Rio de Janeiro (E. U. do Brasil) e em 8, as interessantes Maria Manuela e Maria Luísa, filhas, respectivamente, dos srs. Artur Martins Cabrita, funcionário da Direcção de Estradas do Distrito, e capitão Carlos Maria do Carmo, actualmente em Luanda (Africa Ocidental).

—Também na quarta-feira completou 4 ridentes primaveras a galante Lelita, filhinha da sr.ª D. Corina Vieira da Costa Lelo e de seu marido o sr. Raul de Mesquita Lelo e neta da sr.ª D. Violeta Vieira da Costa, todos residentes no Porto.

Com as nossas felicitações desejamos à encantadora criança um porvir perene de venturas.

Casamentos

Em Eixo e depois do registo civil, celebrado na residência da noiva, teve logar, no domingo, na igreja matriz, a cerimónia religiosa do casamento da interessante Adozinda Fernandes Vagueira Cevada, com o sr. Abílio Ernesto de Menezes, empregado comercial no Pôrto.

Assistiram pessoas de família e da intimidade dos cônjuges, tendo paraninfado, por parte da noiva, a sr.ª D. Maria das Dores Vieira da Costa Lelo e o sr. José Moreira Freire, e pelo noivo, seus tios, o sr. Américo Simões Teles, funcionário dos correios e telégrafos, e esposa a sr.ª D. Leontina Berta Gonçalves Pontes Teles.

A noiva, que alia à sua modestia os mais nobres sentimentos que distinguem a mulher, impõe-se pela afabilidade do seu trato e porte irrepreensível, predicados êstes que hão-de contribuir para a felicidade do novo lar.

Apresentou-se no dia do seu noivado com uma linda toilette de setim branco, servindo de caudatária e de portadora das alianças, respectivamente, as meninas Maria Graciette dos Santos e Maria Ondina Gonçalves Teles, duas interessantes crianças que também prenderam a atenção de quantos assistiram àquele acto solene.

A comitiva dirigiu-se, em seguida, novamente, para casa da noiva onde foi servido um opíparo almôço em que tomaram parte, além das pessoas já mencionadas, as srs.as D. Violeta Vieira da Costa; D. Corina Vieira da Costa Lelo, D. Teresa Fernandes de Carvalho, D. Maria Celeste Mourão, D. Maria do Rosário Pontes Gonçalves Gomes, D. Maria Berta Gonçalves Gomes, D. Maria Ricardina Gonçalves e respectivos maridos os srs. Raúl de Mesquita Lelo, Carlos Augusto de Carvalho, Abílio Mourão, Carlos Gomes, Domingos Moreira e António Joaquim Gonçalves; as mademoiselles Ernestina Mascaranhas Abreu, Maria Gabriela Mascaranhas, Ana Balbina Saldanha, Odília Pinheiro, Maria Fernanda Janvelho e Maria Helena Alves Ribeiro e ainda os srs. Albertino Ernesto de Menezes, pai do noivo, e José de Mesquita Lelo, etc., etc.

Na corbeille viam-se numerosas prendas, sendo algumas de fino gosto.

Aos noivos, que fixaram residência no Pôrto, para onde partiram no mesmo dia, desejamos, como são merecedores, uma interminável lua de mel.

Partidas e Chegadas

Estiveram em Aveiro, dando nos o prazer de algumas horas de convivência, os nossos amigos da Bairrada, Virgílio de Oliveira e Manuel L. Cardoso.

Doentes

Com a saúde de novo abalada recolheu outra vez à cama, o nosso amigo João Mota, empregado no Banco Regional.

—Igualmente se encontra recolhido outro amigo, Gervásio Aleluia, que regressara de França com a saúde abalada.

— Tem obtido algumas melhoras a sr.ª D. Maria La-Salete Sarabando Vinagre, esposa do sr. Manuel Moreira Vinagre.

Desejamos-lhes completo restabelecimento.

Definindo posições...

O Trabalho, pela pena *mimosa* do seu «Anastácio» director, continua com a mania de me amedrontar. Classificando-se a si próprio, de livre vontade, além de mentir como é vulgar dum «socialista» de marca, hoje, pouco visível, escreve que eu sou *desbocado, infame, baixo, vil, rancoroso, de má índole, vilão, denunciante*, que pertenço a uma *fauna selvagem, malandrim, mísero, malvado, lacaio, injuriador de mulheres honestas, mistificador, verdugo, farsante, troglodita* e muito *et coetera*. Parece que o escrevinhador pretendeu esgotar os termos insultuosos do lexico. Felizmente, deu-se um fenómeno de miragem intelectual e o enxovêdo observou a tara de que é portador. Que assim não fôsse, e as coisas, por fôrça, haviam de ser tomadas como donde procedem...

O que acima fica é suficiente para comprovar o auto-qualificativo que o autor do trecho de *fino recorte literário* a que me reporto (¹) se deu. Em fim, de qualquer maneira, virado de carnaz, invertido, espremido, pacientemente analisado na fauna microbia na que o invadiu de ponta a ponta, o aranzel *afirma*, não *prova*. E, como é sabido tanto gramatical como lògicamente, as duas expressões envolvem *essência* diferente. Quando não há outro argumento, e *O Trabalho* ficou inutilizado com o que lhe disse, o recurso último é o insulto!

Êste sujeito, revela, ao menos, uma boa qualidade: é inofensivo e de *raiva mansa*... O defeito que o perde é a mania que tem de, sendo carrasco, armar em vítima! Se a minha colecção de cabotinos estivesse mais bem provida, confesso que arredava êste para o lado com nôjo das suas teimosias (²). Todavia, convém, antes de o aproveitar, lavar-lhe as feridas morais, intelectuais e físicas, expurgando-as dos parasitas que nelas se alojaram com o bico desta pena humilde.

O Trabalho parece que ficou avariado logo que respondi aos seus insultos e receia ir a pique, porque, diz, eu sou pior do que o próprio Diabo. E, como *com o Diabo ninguém se meta*, é preciso comedir-se e ter cuidado para que eu o não arraste para o fôgo das profundezas dos infernos... Contudo, arranjou uma tábua de salvamento e não a larga. Trata-se do estafado argumento de que eu injuriei uma senhora professora primária oficial, conhecida por D. Alsácia Fontes Machado. Um tal argumento forjou-o o articulista na redacção de *O Trabalho*, visto que eu nunca injuriei, nem essa, nem outra senhora qualquer. Apenas discordei dum artigo que ela escreveu, artigo sem pés nem cabeça, sem *princípio*, nem *meio* e nem *fim*, sem doutrina e sem lógica. Tenho a honra de o convidar a transcrever as minhas palavras injuriosas contra a honestidade da sua protegida. E' assim que fazem os que presam a sua pessôa na profissão que exercem e na roupeta que envergam. Os que lêram *O Democrata* sabem que a injuria não existe. E' por causa dessa professora que os *tipos* (o *calão* quadra-lhes maravilhosamente) me chamam denunciante. Na verdade, aquele artigo do Decreto 22.369 é o diabo... Entra fundo, sobretudo para os que vivem nas trevas. Mas que *O Trabalho* pense bem para me poupar a maçada de publicar a relação com nomes, moradas e tudo de todos os indivíduos sem títeres, de ambos os sexos, que exercem o cargo de professores do ensino primário oficial!... Veja lá se quere... Diga!

Outra coisa que êstes herois da «cultura popular» não calam é a honestidade de *O Democrata*. Mordendo-me, querem babujar o jornal. Chamo para o facto a esclarecida atenção do seu Director, meu muito ilustre amigo, sr. Arnaldo Ribeiro.

O restante da verrina passa-o quási todo o macavêuquico e bácoro rabiscador a fazer a sua biografia, omitindo, bem entendido, o que... eu sei de sobra, para só dizer o que lhe convém. Olhe que ninguém o acredita... O *siô*, sôbre desvirtuarmente! Quere que ponha os pontos nos i i?

Lá essa coisa de me chamar monárquico não pega. Nunca o fui, nem o sou e será difícil vir a sê-lo. Mas, se o fôsse, era homem como sou, com direito a que os outros respeitassem as minhas convicções. A não ser que êsses «outros» monopolizassem as ideias e a verdade—como *O Trabalho*...

Venha cá, meu senhor: Todos os que acompanham o meu trabalho em mais de três dezenas de quinzenários, semanários, diários e revistas, sabem que não sou monárquico. Sou apenas **português**. Certamente *siô* Anastácio não poderá dizer outro tanto, pelo menos em consciência...

Sôbre aquele que pretende atingir, através da minha pessôa, leia o que êle mesmo escreve na revista *Gil Vicente*, de Guimarãis, pág. 139 do vol. XV: ...«*quando ser se é consfessar-se nacionalista significava ocupar uma posição bem incómoda e arriscada, tinha êle a honra de fazer parte da Junta Central do Integralismo Lusitano, sem dúvida a quinta essência do Nacionalismo Português. Hoje em dia não faltará quem o acoime de BOLCHEVIQUE, é certo, mas êsse juízo tem explicação bem clara e insofismável:—trata-se apenas da opinião de quantos não conheceram as trincheiras avançadas do Nacionalismo durante as horas ásperas de sacrifício e de luta*».

Ouviu? Isto veio publicado no mês findo numa das melhores revistas portuguesas. Leia, digira e... bom proveito!...

Enfim: por amor de Deus, visto que também sou crente, (³) além de ser *português nacionalista revolucionário*, quero ensinar-lhe gratuitamente esta lição do Dr. Mário Gonçalves Viana, vinda em *O Jornal de Estarreja*, de 19 de Janeiro. Faça um bocadinho de esfôrço para vêr se compreende, já que as suas vestes não lhe bastam para ser justo e pouco influem no comedimento de palavras e na verdade que lhe incumbia defender:

«*Ninguém de boa-fé pode querer impôr aos outros, pela violência, as suas opiniões, e manda a justiça que se respeitem as convicções alheias, quando sinceras, correctas e honestas. Se, porém, qualquer pessoa pretender combatê-las, deve fazê-lo com lealdade, com inteligência e com elegância...*»

Não foi assim que *O Trabalho* se intrometeu nas minhas pobres opiniões. Reservados eram os seus intentos. Por isso, é natural que não compreenda as palavras do Dr. Gonçalves Viana.

Siô Anastácio desconhece também, malévolo e sendeiro, esta passagem do mesmo autor do artigo citado: «**E adversário cortês e honrado é tão simpático como o amigo verdadeiro**».

E' que há certos elementos zoológicos sem outras possibilidades de se exprimirem além dos zurros característicos e dos movimentos vingativos e traiçoeiros dos membros posteriores. Um elemento assim, «em geral... só sabe lutar ou discutir com insultos e palavrões». E' o que os leitores vêem no chorrilho que principia estas notas, transcrito de *O Trabalho*.

Pelo que toca aos pontapés de que me fala, devo informá-lo de que, na minha terra, Beira Baixa, só usamos os burros para serviços pesados. Mas tratamo-los bem e, portanto, êles coíbem-se de nos escoicear. Porém, se alguma vez êles o fazem, nós agarramos numa tranca e... adivinha o resultado.

A história que termina o seu arrasoado é engraçada. Aplique-a a si mesmo, tomando em conta o ditado popular que reza:

Pelas tuas veias,
julgas as alheias...

* * *

Não sou denunciante. E' conveniente esclarecer êste pormenor antes de o obrigar a tal por lei. Talvez o segundo processo lhe agrade pouco...

* * *

Êste jornal, pela pena de Gil do Sol, fez se éco da iniciativa que o *Diário da Manhã* tomou contra o semanário comunista *O Diabo*.

A Beira Baixa também fez referências ao caso e justo é que outros os imitem para higiene mental do país. Mas... nem só *O Diabo* merece castigo. Há outros do mesmo jaez. Por hoje, basta falar em *O Trabalho* e em *Sol Nascente*. Tão comunista é *O Diabo* como êles. E' triste, mas é verdade. Ao Estado se pedem medidas para os que, na trincheira do professorado, do exército, ou de qualquer outra função pública, só têm um nome—**traidores**. (⁴)

JORGE VERNEX

(¹)—Vide *O Trabalho* de 11 de Janeiro.

(²)—Ou, como escreveu Camilo:—«...*se eu tivesse o meu pecúlio de idiotas mais sortido, êste... punha-o fora com dois pontapés por associar a uma estupidez pre-histórica uma indigência de graça que faz hypocondrias*».

(³)—Gostaria de saber como é que os *professores* ateus que militam em *O Trabalho* cumprem na Escola os preceitos legais que mandam ensinar doutrina cristã católica!!! A análise dêste pormenor compete ao Ministério de Educação Nacional e êle velará os bens espirituais de Portugal.

(⁴)—Se *O Trabalho* persistir em dizer asneiras, só comprovará as minhas palavras.

Necrologia

Com 57 anos e após prolongado sofrimento finou-se segunda-feira de tarde, na sua residência do Largo do Rossio, a sr.ª D. Carolina Ferreira Martins Lima que no dia seguinte foi sepultada no cemitério central, tendo-se incorporado no enterro algumas pessoas, entre as quais o sr. José Augusto Diniz Belem, director de Finanças, que conduzia a chave da urna.

A extinta era viuva do sr. Jaime da Rosa Lima; mãe da sr.ª D. Maria da Luz Martins Lima Pinto e dos srs. Jaime, Alvaro, Fausto e Angelo Martins Lima; cunhada dos srs. Alvaro da Rosa Lima, 1.º oficial do ministério da Marinha, e Angelo da Rosa Lima Júnior, e tia da sr.ª D. Maria Luísa da Cruz Lima, residente em Lisboa.

Lamentando o triste desenlace, acompanhamos os doridos no luto que os envolve.

* * *

Faleceram mais: nesta cidade, Abilio Gomes Carapina, casado, de 78 anos, pai do oficial de diligências Tiburcio Carapina; Manuel Gonçalves Amaro, casado, de 43, natural de Canas de Senhorim (Nelas) e Isaías Domingos Ferreira, solteiro, de 59; e na *Quinta do Picado*, Rosa de Jesus, de 65, casada com António Francisco Neto.

A' LAVOURA

Para os devidos efeitos se comunica aos lavradores de fruteiras e oliveiras que desejem proceder à poda destas árvores, que podem dirigir-se à Brigada Técnica da IV Região (Aveiro) ou às suas delegações em Coimbra e Leiria, caso queiram utilisar o trabalho competente de podadôres habilitados em cursos da poda realisadas.

Igualmente se informarão os interessados sôbre os salários dêstes operários, bem como das restantes condições em que os citados podadôres prestam os seus serviços e trabalham.

Aveiro, 17 de Janeiro de 1940.

O Engenheiro Agrónomo Chefe da Brigada

António de Azevedo C. Lobo Alves

Secção Desportiva

Pelo Liceu

Campeonato de Basket-Ball, inter-anos

No dia 26 de Janeiro realizou-se no campo do Liceu, por iniciativa do Centro Escolar n.º 2, da Mocidade Portuguesa, um campeonato de Basket-Ball inter-anos, disputando-se 5 medalhas destinadas aos jogadores do grupo vencedor.

O rectângulo estava rodeado por numerosa assistência, na maior parte constituida por estudantes, que muito contribuiram com o seu entusiasmo para o brilho da tarde desportiva.

Segundo o sorteio defrontaram-se primeiramente os *cincos* representativos dos 6.º e 7.º anos, assim constituidos: 6.º ano—Mendes Filho, Monteiro, Chaves, Adriano de Carvalho e Luis Ferreira. 7.º ano—Teles, Bessa, Toni, Ferdinand, Jaime e Rebocho.

Este desafio, sem dúvida o mais empolgante da tarde, pois se encontravam em campo os favoritos do torneio, foi justamente vencido pelo 5 do 6.º ano pelo elevado *score* de 22-12.

De 6.º ano todos os jogadores agradaram, merecendo especial referência Mendes Filho, Adriano de Carvalho e Chaves Pereira; do 7.º ano evidenciaram-se Toni e Jaime Lemos, desagradando Bessa, que pode ser considerado o causador da derrota.

Os pontos do 6.º ano foram marcados por Chaves (10) Adriano de Carvalho (6) e Luis (6); pelo 7.º ano marcaram Toni (4) Ferdinand (4) Rebocho (2) e Jaime (2).

A arbitragem, a cargo de Gastão Côrte-Real, não satisfez. Não soube ver faltas que existiram e muito principalmente não reprimiu o jogo duro que se verificou na 2.ª parte; contudo teve uma virtude—foi imparcial.

Em seguida, e ainda por determinação do sorteio, defrontaram-se os grupos defensores do 4.º e 5.º anos, assim constituidos. 4.º ano, Fernando Seabra, Lemos, Moutinho Pato e Paula; 5.º ano, Ulisses, João Gaioso, Matos, (Quintas) Gastão e Gamelas. Os jogadores do 5.º ano, muito embora possuidores duma superioridade física notória, viram-se atrapalhados com os entusiásticos e combativos quartanistas; como prova, o facto de o resultado, no final do desafio, ser 4-4, pelo que o jôgo teve de prolongar-se por 5 minutos, vencendo então o grupo do 5.º ano por 8-4.

A arbitragem de Toni imparcial.

JUSTUS

Comarca de Aveiro

Editos de 20 dias

2.ª publicação

Pelo Juizo de Direito da comarca de Aveiro, 1.ª Vara, correm seus termos uns autos de acção de divórcio com o benefício da Assistência Judiciária em que são autores, Maria da Conceição Vieira da Rosa, doméstica, de Aveiro, e reu seu marido José Camacho da Silva, jornaleiro, residente em parte incerta na qual a autora alega o seguinte; Que casou com o reu segundo o regime de comunhão de bens, que não há filhos, que poucos dias depois do casamento o reu começou a maltratá-la e a espancá-la, abandonando-a completamente depois de meio ano de vida comum, e ausentando-se para parte incerta, não tendo notícias dele há mais de 10 anos. Termina por pedir que a acção seja julgada procedente e provada com custas, selos e procuradoria pelo reu. E nos mesmos autos, correm éditos de 30 dias, a contar da segunda e última publicação deste anúncio, citando o dito reu José Camacho da Silva, jornaleiro, residente em parte incerta, para no praso de vinte dias, findo o dos éditos, contestar, querendo, a mesma acção, sob pena de a mesma prosseguir nos seus ulteriores termos.

Aveiro, 6 de Janeiro de 1940.

Verifiquei
O Juiz de Direito da 1.ª Vara
Perestrelo Botelheiro

O Chefe da 1.ª Secção
Julio Homem de Carvalho Cristo

A FECHAR

Num liceu, o professor de história para o aluno:
— Vai-me dizer alguma coisa sôbre a vida do primeiro rei de Portugal...
—Não posso dizer nada porque nêsse tempo ainda eu não era nascido...